

Prova Escrita de Português
12º Ano de Escolaridade
Prova 639 / 2ª Fase / Versões 1 e 2

GRUPO I

Parte A

1. Nas duas primeiras estrofes, é percecionada a passagem do tempo e os efeitos que tal provoca. De forma evidente, esta passagem é perceptível tanto pela referência à sucessão das estações do ano como pelos efeitos que cada uma delas provoca na Natureza. Em «Correm turvas as águas deste rio, / que as do Céu e as do monte as enturbaram» (vv. 1-2), percebe-se a referência ao inverno e à sua severidade; segue-se a primavera e a amenização da Natureza em «os campos florecidos» (v. 3); o devir das estações continua com a referência ao verão e aos seus efeitos em «os campos [...] se secaram» (v. 3); por fim, sugere-se o outono e a sua marca em «intratável se fez o vale, e frio» (v. 4).
Com efeito, a passagem inevitável do tempo, por provocar marcas na Natureza, está intimamente associada à ideia de mudança, evidente no recurso aos verbos «passar» e «trocar».
2. Os versos 9 e 10 – «Tem o tempo sua ordem já sabida; / o mundo, não» – evidencia uma oposição entre a Natureza e os comportamentos humanos.
No que respeita à Natureza – «tem o tempo a ordem já sabida» – percebe-se a previsibilidade, a constância natural da passagem do tempo, evidenciada pelo ritmo cíclico das estações do ano. A sua mudança é conhecida, previsível.
No que respeita ao mundo, ao ser humano e aos seus comportamentos, a mudança é imprevisível pelo que provoca tal desconcerto no mundo que «parece que dele Deus se esquece» (v. 11).
3. Versão 1: **(D)**; Versão 2: **(B)**

PARTE B

4. Versão 1: **(B)**; Versão 2: **(D)**
5. O narrador experimenta, ao longo deste excerto, uma evolução quanto ao seu estado de espírito. Como se presume, o narrador chegou atempadamente ao local aprazado – junto ao prédio do Fonseca – para uma atividade que tinha sido por eles organizada para aquela manhã de domingo. Depois de uma primeira observação, o narrador constatou que em casa/prédio do Fonseca não existiam quaisquer indícios de atividade. Perante isto, a sua observação deslocou-se para outros pormenores necessários e que estariam implicados no evento: o carro – pneu, tanque combustível, radiador...
Contudo, tudo confirmava os indícios que conduziriam a um não cumprimento do prazo. Por isso, começou a crescer no narrador, de forma acentuada, uma irritação relativamente àquele conduta e ao atraso acumulado.
O estado de irritação em crescendo dá, por fim, lugar a um sentimento de fúria, visível na descrição da violência do toque à campainha e ao bater da porta. De referir, por fim, que este estado colérico do narrador é, pontualmente, amenizado pela hipótese esboçada de uma desgraça perante tanto silêncio.

6. Ao longo deste excerto são perceptíveis marcas linguísticas que comprovam o uso de um registo que se aproxima da oralidade. Das várias marcas linguísticas, destacam-se as seguintes:
- o registo de língua informal/familiar, comprovável pelas seguintes citações: «A coisa estava bonita» (l. 15); «desatarraxe» (l. 16); «pinga de água» (l. 17); «Fui-me à campainha» (ll. 19-20); «carreguei-lhe furiosamente» (l. 20); «danado» (l. 32); «sair da cama ao cantar do galo» (ll. 32-33).
 - as várias interjeições ou exclamações que evidenciam um claro uso do registo oral: «hum!» (l. 2); «Ó senhor» (l. 19); «Ah» (l. 23); «Mas que silêncio nesta rua nova!» (ll. 5-6); «imagine-se!» (l. 12).
- Estes recursos linguísticos provam que o narrador inclui no seu texto um registo oralizante e que, de certa forma, acabam por estar ao serviço da apresentação dos seus estados de alma.

Parte C

7. O narrador do excerto do conto apresenta-nos, de forma relativamente fugaz, um «padeiro» que distribui «pão fresco». Esta figura surge numa altura em que a cidade está adormecida, deslocando-se de casa em casa, depois de uma noite certamente trabalhosa, levando as encomendas de pão a quem desperta para um dia de descanso (domingo).
- Esta atenção a uma classe trabalhadora faz lembrar o olhar do sujeito poético presente em «O Sentimento dum Ocidental», da autoria de Cesário Verde. Neste poema, são facilmente percecionáveis figuras que são observadas pelo sujeito poético e dessa observação se percebe o sofrimento daqueles que trabalham (ou trabalharam), como é o caso paradigmático das varinas e do velho professor de Latim.
- Com efeito, as varinas trabalham todo o dia descalças nas descargas de carvão, transportam os filhos nas canastras. Esta vivência é agravada pela descrição dos locais onde vivem, bairros periféricos e sem condições sanitárias, onde proliferam as infeções. Representam, desta forma, o trabalho difícil e a vida degradante a que está sujeita grande parte da população de Lisboa.
- O velho professor de Latim, que no passado instruiu as classes mais favorecidas da cidade, é apresentado de forma decrépita, depois de uma longa vida de trabalho. Pedindo esmola pela cidade, querera o sujeito poético evidenciar a inexistência de apoio na velhice a quem dedicou a vida ao trabalho.
- Em suma, a figura de um padeiro a trabalhar num domingo de manhã evoca figuras de uma mesma cidade, mas trazidas à mente pelo génio deambulante de Cesário Verde. O seu olhar mostra-nos, de forma magistral, o trabalho árduo a que se sujeitam algumas classes sociais, sem que tenham hipóteses de uma sobrevivência digna.

GRUPO II

	Versão 1	Versão 2
1.	(D)	(C)
2.	(B)	(A)
3.	(C)	(D)
4.	(B)	(D)
5.	(C)	(A)
6.	(D)	(B)
7.	(A)	(C)

GRUPO III

Almada Negreiros, na pintura *A engomadeira*, apresenta, de forma plena de sentidos, a atenção pela figura humana, que é trabalhadora e, ao mesmo tempo, sofredora, tal como já Cesário nos pintara nos seus versos de «O Sentimento dum Ocidental».

Encaixada num fundo de tons escuros, a figura humana toma o lugar central. Atrás de si predomina uma parede escura timidamente rasgada por uma janela tripartida em caixilhos através da qual entram alguns raios de sol e se instalam sobre a mesa de trabalho.

Por cima, do lado esquerdo, paira uma gaiola com um pássaro aprisionado. Num lance de olhar, percebe-se um destino idêntico entre pessoa e animal: duas vidas prisioneiras.

Numa linha contínua, do vulto feminino irrompem gestos e movimento que se ligam à sua atividade profissional e à qual está presa, pelas mãos. O ferro de engomar dá-lhe a identidade: a engomadeira. Não tem nome próprio, apenas profissão (é esse o seu ser!)

O rosto caído sobre a mesa de engomar expressa, de forma evidente, a sua condição: uma vida de trabalho, de solidão, de sofrimento.

Através deste retrato, Almada Negreiros faz uso de um magistral traço contínuo, emprestando formas vincadas à figura humana que a evidenciam na sua condição profissional. Pressente-se um presente de mágoa e duradouro que, associado à paleta de cores, limita a esperança que a cor verde da camisola poderia intuir.

Tal como Cesário, Almada Negreiros também pinta com o seu olhar “poético”, mas realista, aqueles que trabalham, mas que se tornam prisioneiros dessa condição. Tal como as varinas, a engomadeira também não tem nome próprio. É aquilo que faz!

(265 palavras)